

Bresser viaja insistindo em solução realista

BRASÍLIA — O ministro da Fazenda, Bresser Pereira, chega hoje aos Estados Unidos, não para participar diretamente das negociações com os bancos credores, mas para reafirmar que a questão da dívida externa deve ser discutida no âmbito político e que o Brasil não vai aceitar o refinanciamento dos juros pelo modelo tradicional, como desejam os banqueiros internacionais.

Bresser vai também reiterar a posição brasileira de que renegociação da dívida depende do encontro de soluções “realistas e viáveis”, sem prejuízo para os devedores. Segundo ele, o Brasil “não quer nem pode pagar juros que não forem parcialmente refinanciados”.

Em coletiva no início da tarde, antes de viajar para Nova Iorque, o ministro Bresser Pereira confirmou que o governo estuda a possibilidade da criação de um fundo, com parte das reservas cambiais, que poderia vir a ser depositado junto ao Banco Mundial para garantir os títulos a serem oferecidos aos bancos credores (base da proposta brasileira para a renegociação da dívida). Mas ressaltou:

— Ainda não há nada resolvido sobre isso, é apenas uma idéia que não vai sequer ser levada à mesa de negociação — assegurou o ministro, esquivando-se de dar mais detalhes sobre o assunto.

Bresser disse que viaja com “muita segurança” e espera “bons resultados na fase inicial de negociações”, frisando: “Ninguém vai voltar dos Estados Unidos com as negociações prontas e concluídas. É apenas um começo”.

Ao contrário do que ocorreu na véspera de sua última viagem ao exterior há algumas semanas, quando expôs as bases da proposta brasileira — já alteradas —, Bresser, desta vez, foi extremamente cauteloso, limitando-se a repetir o óbvio: parte da dívida será tratada de forma convencional (refinanciamento dos juros a cada ano, mas com juros baixos e prazos maiores) e a outra (não especificou o montante) será transformada em títulos, limitados, segundo disse, a uma pequena porcentagem do total devido.

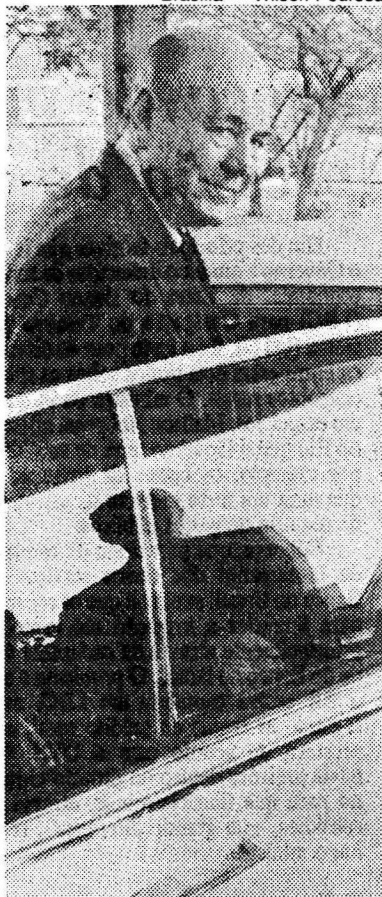
O ministro enfatizou que essa transformação será “certamente voluntária”, destinada apenas aos bancos interessados na aquisição dos títulos brasileiros, inclusive os bônus de saída, que seriam oferecidos basicamente para os pequenos bancos. A proposta será formalmente apresentada pelo presidente do Banco Central, Fernando Milliet, e pelo assessor especial para a dívida externa, Fernão Bracher.

Bresser está otimista quanto à aceitação pela comunidade financeira internacional dessa solução alternativa. Lembrou que os governos da França e do Japão já demonstraram simpatia e interesse pela proposta, que, segundo ele, também vem sendo vista com seriedade pelo mercado financeiro de Nova Iorque e tem o aval da sociedade brasileira: empresários e políticos.

A agenda do ministro da Fazenda está restrita basicamente a encontros no âmbito do Fundo Monetário Internacional. Ainda hoje, Bresser participa do “grupo dos três”, ao lado dos ministros da Fazenda da Argentina e do México, para a discussão dos problemas comuns aos três países. No domingo, ele participa da reunião do comitê interino do FMI e, terça-feira, da sessão de abertura da reunião anual do Fundo, retornando na quinta-feira ao Brasil.

As principais lideranças do setor privado brasileiro enviaram ontem um telex ao ministro da Fazenda, Bresser Pereira, formalizando apoio “irrestrito e integral” à forma como vêm sendo conduzidas as negociações da dívida externa. A nota de apoio, que é encabeçada pelo presidente da poderosa Fiesp — Federação das Indústrias de São Paulo pede também redução da transferência líquida de recursos ao exterior, controle dos gastos públicos e um programa de privatização.

Brasília — Wilson Pedrosa



Shlaudeman acha que há “bom clima” para negociar